

A grande conquista dos anos 80

GAZETA MERCANTIL

Carlos Alberto
Teixeira de Oliveira *



A estagnação pode agravar perigosamente os problemas sociais do País, prejudicando a evolução da nascente democracia brasileira e, ainda, ameaça incisivamente as tentativas de modernização da sociedade.

Retornar ao passado, mesmo que não muito distante das atuais altas taxas inflacionárias, mas das enormes disfunções econômico-sociais e da inconsistência de políticas, também macroeconômicas, é, no mínimo, antipatriótico.

Todo esforço de mudanças por dias melhores exige a paciência de sábios, na espera dos frutos que serão colhidos mais na frente. Vencer tamanhos entraves que obstaculizam a vida nacional, entretanto, não pode ser tarefa a executar do hoje para amanhã, nem por uma única ou poucas pessoas. Demanda coragem, diálogo permanente, perseverança e maturidade conjunta de todos, de governo e sociedade.

Justiça merece ser feita. O estoque de problemas econômicos e sociais, acumulados ao longo dos últimos anos, eleva-se exponencialmente, exigindo constantes manifestações do governo, como se ele tu-

do pudesse resolver. Ressalte-se que, no curto prazo, não serão encontradas as respostas aos graves desequilíbrios do momento atual.

As suas raízes e causas originam-se do passado longínquo e a solução não será vislumbrada sem a percepção de horizontes mais elásticos do que os que estamos acostumados a ver. Por isso, a busca da estabilização, por maiores que sejam as demandas imediatas, não pode mais continuar ofuscando todos os problemas de médio e longo-prazos. Essa obsessão de ter nas ações presentes a equação definitiva de todos os males, tende a retirar da economia todo o referencial e qualquer norteamento mais consistente.

Ressalte-se, no entanto, ser inconcebível insistir na concentração da maior parte da energia social na persecução do equilíbrio fiscal, do balanço de pagamentos ou na eliminação dos índices inflacionários. Mesmo que o mundo fosse estático, as pessoas definitivas e o mercado perfeito, ainda assim não seríamos tolos em imaginar o fim dos tigres ou dos incêndios. Mudem-se os tigres ou culpem os bombeiros, as florestas continuarão a arder e as balas produzidas.

A sociedade tem exteriorizado sentimentos de ansiedade, como se a situação pós-cirúrgica devesse ser imediatamente melhor do que a debilitada situação anterior do paciente. Esta

também poderia ser uma leitura a se fazer dos recentes acontecimentos envolvendo tanto empresários quanto governo. A bem da verdade, nota-se um profundo distanciamento, de parte a parte, daquele que poderia transformar-se num elo de união, de chamamento de todos, ou seja, o reencontro com o desenvolvimento.

Precisamos estar todos lúcidos neste precioso momento da vida nacional. O governo não pode imaginar-se isolado ou desconectado da sociedade, bem como a reciproca é absolutamente verdadeira. Conquistas importantes foram alcançadas, mesmo ainda em fase de aperfeiçoamento, como é a nossa democracia. Nunca, em nenhuma época, desfrutou-se de tanta liberdade, de oportunidade de expressão, de ir e vir, de pensar, agir, pensar, como no Brasil de hoje.

Torna-se oportuno realçar que só a expansão da economia preencherá as condições necessárias para o enfrentamento e a atenuação dos graves problemas com que nos defrontamos.

Faltam-nos, além da modernidade, projetos que possam nos reconciliar com um novo desenvolvimento, mais justo e harmônico.

Uma observação ainda merece ser enfatizada, de forma incisiva: a reversão do panorama atual não será trivial. Como a democracia, o ingresso do País

1 DEZ 1990

na modernidade exige compreensão e visão de longo alcance. Requer isenção de ânimos, posturas criativas, ousadias e a desstituição de preconceitos ou de várias antigas verdades. A humildade e, fundamentalmente, o diálogo, franco e aberto, continuam sendo o melhor caminho para se chegar ao futuro que todos queremos construir.

A década de 80 não pode mais continuar sendo considerada como perdida. É intolerável conceber que uma das maiores conquistas brasileiras, a democracia, seja assim tão menosprezada. Apesar dos desafios que se tem pela frente, é ainda o passaporte mais eficaz para muitas outras conquistas, não efetivadas, como a justiça social, a riqueza e o desenvolvimento.

Com o retorno das eleições, agora constantes, que chegam até a se tornar enfadonhas para os quase desacostumados ao exercício democrático, talvez fosse este o momento de se eleger o desenvolvimento como o candidato imprescindível do Brasil dos tempos modernos. Modernização é, antes de tudo, geração de empregos, distribuição de rendas, aumento de qualidade, produtividade e eficiência. Enfim, significa também reconciliar-se com o crescimento e retomar o desenvolvimento.

Economista, ex-secretário de Planejamento, Indústria, Mineração e Comércio de Minas Gerais.